

A VIAGEM NO TEMPO NO CINEMA: REPRESENTAÇÕES SUBJETIVAS E POTENCIAIS TERAPÊUTICOS

Fernanda Zarugner da Silva¹

João Victor Ferreira²

Marcelo Henrique Gonzalez da Silva³

Rafaela Xavier Nardino⁴

Marcos Alan Viana⁵

RESUMO

A viagem no tempo é uma das modalidades de narrativa mais exploradas pela sétima arte. Embora sejam histórias fictícias, seu valor artístico vai muito além do mero entretenimento, uma vez que são obras capazes de engajar subjetivamente o espectador, despertando afetos e reflexões. Nessa perspectiva, esta pesquisa tem o objetivo de investigar as representações subjetivas e potenciais terapêuticos relacionados aos filmes de viagem no tempo. Os métodos utilizados foram a análise fílmica de uma amostra de 25 obras selecionadas, uma sondagem de opinião online e uma pesquisa interventiva com exibição, reflexão e debate a respeito de três filmes. Os resultados sugerem que a viagem no tempo se conecta com a subjetividade dos espectadores a partir da identificação com os personagens que realizam desejos fantasiosos relacionados a: viver em uma época idealizada como melhor do que o presente (nostalgia); corrigir erros do passado (reparação); encontrar um futuro melhor (utopia); vivenciar a liberdade de escolha (livre-arbítrio); ter o poder de determinar o curso da realidade (controle); tornar-se uma pessoa melhor (transformação). Por outro lado, são raros os filmes que não apresentam problemas nessa jornada, mostrando questões como desilusão, distopia, paradoxos,

¹ Aluna do 7º período do curso de Psicologia da FAE Centro Universitário. Bolsista do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2024-2025). *E-mail:* fernanda.zarugner@mail.fae.edu

² Aluno do 7º período do curso de Psicologia da FAE Centro Universitário. *E-mail:* ferreira.joao@mail.fae.edu

³ Aluno do 7º período do curso de Psicologia da FAE Centro Universitário. *E-mail:* marcelo.gonzalez@mail.fae.edu

⁴ Aluna do 9º período do curso de Psicologia da FAE Centro Universitário. *E-mail:* rafaela.nardino@mail.fae.edu

⁵ Orientador da Pesquisa. Doutor em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo. Especialista em Cinema pela Belas Artes-SP. Professor da FAE Centro Universitário. *E-mail:* marcos.viana@fae.edu

efeito borboleta, destino e estagnação. Tanto na pesquisa de opinião quanto no processo interventivo, evidenciou-se essa ambiguidade, entre o fascínio de voltar no tempo para alterar alguns acontecimentos e o medo de reviver problemas que já foram superados ou modificar algo que prezam muito na sua trajetória de vida, levando a uma reflexão sobre a importância de aceitar o presente e valorizar as conquistas realizadas.

Palavras-chave: Psicologia. Cinema. Viagem no tempo. Subjetividade.

INTRODUÇÃO

“Se eu posso fazer cicatrizes, terei o poder de curá-las?”

Esse questionamento, realizado pelo personagem Evan no filme *Efeito Borboleta* (2004), reflete um dos anseios mais comuns da existência humana: a possibilidade de retornar ao passado para poder consertar os erros que deixaram marcas permanentes e indesejadas no presente (cicatrizes).

De fato, é algo recorrente na vida humana vivenciar algum grau de insatisfação com o momento atual, desencadeando pensamentos sobre a perspectiva de se deslocar para o passado ou avançar para um futuro melhor. A impossibilidade física de realizar essa proeza não impede o exercício da imaginação, que estimula a produção artística de inúmeras obras fantasiosas a respeito da viagem no tempo, seja na literatura, no teatro e particularmente, no cinema.

Na sétima arte, o tema tem sido abordado desde a década de 1920, com o filme *A Connecticut Yankee in King Arthur's Court* (1921) (Curry, 2023), uma adaptação do livro *Um Lanque na Corte do Rei Artur*, de Mark Twain (1889 [2005]), na qual conhecemos a história de Hank Morgan, um homem do século XIX que, após sofrer um golpe na cabeça é transportado de forma inexplicável para a Inglaterra da Idade Média, onde acaba conhecendo o rei Arthur. Desde então, houve uma profusão de obras que tornaram a viagem do tempo um tema amplamente popular, com filmes icônicos como *De Volta para o Futuro* (1985), *Exterminador do Futuro* (1984) e *Interestelar* (2014), passando por obras mais contemporâneas como *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban* (2004) e *Vingadores: Ultimato* (2019).

Sendo a ficção veículo do universo social, e o cinema um dos meios artísticos pelo qual esta pode ser concebida, pode-se argumentar que o campo cinematográfico não pode ser reduzido a um mero entretenimento destinado ao escapismo, uma vez que possui estreitos laços com os afetos, vivências e a subjetividade humana (Dill-Shackleford *et al.*, 2016), além de dialogar com a realidade social vigente. Como sugerem Bueno e Zanella (2022, p.5), o cinema é “uma linguagem que tem estrutura similar aos processos de subjetivação”, o que propicia uma aproximação importante entre a sétima arte e a psicologia. Nesse sentido, os filmes podem ajudar a refletir sobre questões psíquicas e culturais, além de auxiliar no manejo de emoções, no desenvolvimento da empatia, no fortalecimento de habilidades sociais e cognitivas, funcionando como instrumentos de aprendizado seguro e transformação pessoal (Dill-Shackleford *et al.*, 2016).

A viagem no tempo, enquanto temática ficcional cinematográfica, exerce fascínio na audiência justamente porque dialoga com questões subjetivas importantes, ligadas a algum grau de inconformismo com o presente, baseado em frustrações individuais

ou questões atreladas à vida coletiva, como crises políticas e econômicas (Sprenkels, 2013). Trata-se, portanto, de uma temática instigante, que pode auxiliar na reflexão sobre a relação humana com o tempo e ampliar a compreensão sobre as motivações e medos fundamentais da humanidade.

Dessarte, o presente trabalho tem como finalidade investigar as representações subjetivas e os potenciais terapêuticos dos filmes de viagem no tempo, considerando o cinema como instigador de diálogos, de modo a favorecer a promoção de espaços de escuta e reflexão. Os métodos utilizados foram a análise fílmica (processo sistemático e reflexivo de interpretação e compreensão de um filme) de 25 obras significativas sobre o tema, uma sondagem de opinião online e uma pesquisa interventiva a partir de uma experiência de reflexão sobre a viagem no tempo com um grupo da terceira idade.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 CINEMA E SUBJETIVIDADE

A arte possibilita visualizar um percurso que muitas vezes não é viável na realidade concreta, uma vez que ela instiga e traz “...sensibilidades que vão além da razão cartesiana e do entendimento lógico-matemático.” (Bueno; Zanella, 2022, p. 3). O cinema é uma das várias formas de se fazer arte e seu impacto não é diferente. O espectador, quando imerso na narrativa, pode passar por uma experiência de identificação com a história projetada, formada por elementos como cenário, contexto de época, personagens, trilha sonora, figurino, entre outros.

A arte facilita o “...acesso a afetos, vivências, histórias, acontecimentos, paixões e delírios, que são inacessíveis à rigidez e a formalidade dos tradicionais métodos de pesquisa.” (Bueno; Zanella, 2022, p. 3). Ou seja, a experiência cinematográfica permite transpor barreiras que limitam a vida, como as regras morais vigentes e as leis da física, e vivenciar experiências emocionais intensas, como aquele que se agita e torce pela jornada de vingança do mocinho que perdeu a companheira pelas mãos de um bandido, ou aquele que chora ao presenciar uma cena de reencontro de amantes depois de anos de separação forçada. Nesse sentido:

Um indivíduo transportado para uma história, a enxerga acontecendo diante de si e esquece do mundo à sua volta. O envolvimento é tanto que os indivíduos reagem emocionalmente aos acontecimentos da história como reais. O envolvimento é emocional e também cognitivo, podendo gerar imagens mentais reais ligadas à história (Green; Garst; Brock, 2004).

Assim, o espectador realiza tanto uma imersão emocional quanto um processo de reflexão. Após assistir a uma película, os sentimentos que surgiram durante o filme (revolta, motivação, desejo de mudança, etc.) não se desvanecem rapidamente, podendo ser trabalhados depois por algum tempo de forma introspectiva.

Nesse sentido, há uma aproximação importante entre a sétima arte e a ciência psicológica, uma vez que “(...) cinema e psicologia têm um ponto comum de interesse: dar a ver aquilo que funda as nossas existências e que pode vir a multiplicá-las, expandi-las” (Bueno; Zanella, 2022, p. 7). O cinema pode ajudar a explorar desejos, receios e indagações que o homem possui. Pode ser uma lente que auxilia na interpretação das dinâmicas político-sociais e subjetivas.

Contudo, há várias formas de se interpretar um filme, seja pelo caráter subjetivo da sua produção (envolvendo os cineastas), seja pelo olhar singular do espectador, que realiza um trabalho ativo de interpretação. Além disso, é possível estabelecer um diálogo entre cinema e perspectivas teóricas específicas, considerando o caráter complexo tanto da obra de arte quanto da ciência psicológica. Nessa miríade de recortes possíveis, a psicanálise, fundada por Sigmund Freud, destaca-se como uma das abordagens psicológicas que mais têm se aventurado nessa intersecção entre subjetividade e cinema. O legado freudiano deu origem a uma importante leitura sobre o papel do desejo e da fantasia que permite uma maior compreensão das questões subjetivas que envolvem a sétima arte.

1.2 FANTASIA E DESDOBRAMENTOS NO CINEMA

Na perspectiva psicanalítica, a fantasia é uma construção psíquica com a finalidade de realização de desejos que são, de alguma forma, conflitantes com as leis físicas ou morais da esfera social. Nas palavras de Nasio (2007), a fantasia tem a função de “substituir uma satisfação real impossível por uma satisfação fantasiada possível” (Nasio, 2007, p.11).

Para Freud ([1923] 1996e), os desejos mais primitivos de completude são reprimidos para um nível inconsciente, mas continuam fazendo pressão para serem realizados. A partir dessa pressão, o sujeito constrói formas de realização parcial, com o ego compondo formas moralmente mais assimiláveis e aceitáveis de satisfação, para evitar a voz culpabilizante do superego.

As fantasias podem se expressar por sonhos e devaneios diurnos, quando operam apenas no nível individual, mas também podem ser manifestas na arte, no nível social. Contudo, na arte há um trabalho maior de lapidação dos conteúdos, como destacou Freud ([1908]1996c), que, analisando a escrita poética e seus efeitos catárticos,

ressaltou que a possibilidade de prazer extraído do conteúdo literário depende da suavização (por parte do autor) das fantasias, tornando os conteúdos mais aceitáveis ao leitor, que reconhece na fantasia os seus desejos de forma sutil ou mascarada.

Extrapolando esta compreensão para o universo cinematográfico, é possível sustentar que o cinema se apresenta como uma arte que constrói e expressa fantasias fundamentais do ser humano, de maneira semelhante aos sonhos (Fernandes, 2005), embora se sustente numa lógica atrelada à realidade, sofrendo o mesmo processo de “lapidação” descrito por Freud ([1908]1996c). Ou seja, enquanto as regras de funcionamento do inconsciente não pressupõem relação com o tempo, consistência, contradição e interdições à satisfação, a consciência exige que as representações articulem-se conforme uma moralidade socialmente instituída (Freud, [1914]1996d).

As fantasias cinematográficas são capazes de desencadear maior ou menor identificação com o público (Martta, 2008), dependendo da experiência subjetiva do espectador, que é convidado a mergulhar em um universo fantástico, romper com a lógica temporal e se projetar na vida de um personagem. Nessa realidade “distante”, a realização de ações impossíveis no mundo físico ou socialmente condenáveis por parte dos personagens, dialoga com a subjetividade do telespectador.

Stock (2009) afirma que essa modalidade de fantasia se apresenta como um dispositivo psíquico que se sustenta em três elementos fundamentais: satisfação inerente ao ato de fantasiar; satisfação que decorre da antecipação do prazer que estaria relacionado à ocorrência do fato na realidade; o fato de existir uma proibição moral que impossibilita o ato de maneira efetiva. Como meio para transgressão dos impedimentos que impossibilitam sua realização, são utilizados dois mecanismos fundamentais, ligados à desrealização: o primeiro seria o de uma suspensão dos valores morais impeditivos; o segundo, uma sobredeterminação de códigos morais que tornaria “caduca” a proibição inicial. A autora argumenta, então, que o cinema, mais do que outras modalidades artísticas, seria o cenário ideal para realização das fantasias, já que a maneira como o filme se constrói, a velocidade com que se desenrola e é consumido pelo público, utiliza fundamentalmente os dois dispositivos supracitados.

1.3 VIAGEM NO TEMPO E SEUS ASPECTOS PSICOLÓGICOS

A viagem no tempo, inicialmente pensada como uma transferência da presença física de uma pessoa ou objeto a um tempo anterior ou posterior, foi se desenvolvendo conceitualmente no campo das ciências e das artes de diferentes formas. Independentemente da viabilidade da ação na realidade concreta, a observação

do tema a partir de um ponto de vista psicológico pode ser de grande utilidade para compreender melhor os aspectos subjetivos envolvidos no fascínio do ser humano pelo tempo (Bueno; Zanella, 2022).

Os filmes sobre viagem no tempo se mostram como um meio ideal para expressar o desejo de escapar temporariamente da realidade cotidiana. São narrativas nas quais os personagens geralmente tomam decisões de se deslocar no tempo, com a motivação de desfazer acontecimentos do passado, prevenir eventos futuros ou ainda viver uma vida alternativa, diferente da existência atual. Além disso, normalmente ocorrem ações não intencionais que geram consequências indesejadas e imprevisíveis (Sprenkels, 2013).

Tulving (2002) criou o termo “cronestesia” para descrever como é possível o sujeito experimentar e refletir sobre o tempo pessoal do qual suas experiências acontecem. Ou seja, o indivíduo possui uma consciência da dimensão temporal, podendo se mover no tempo subjetivo, embarcando em viagens mentais tanto para o futuro como para o passado. Essa capacidade se verifica no cinema na medida em que os cineastas propõem esse exercício fantasioso de viajar para outra época, convidando o espectador a se deslocar mentalmente pela linha temporal.

Relacionando-se com a cronestesia, o termo “viagem no tempo mental” é uma metáfora que surgiu nos anos 80 visando reformular nossa compreensão de memória centrada na experiência subjetiva (Gardiner, 2001). A viagem mental no tempo se relaciona muito com a memória, emoções e sensações, sendo uma forma de viagem no tempo que acontece na mente e, por isso, permite uma maior flexibilidade (em relação uma suposta viagem no tempo física), possibilitando até mesmo explorar um passado que pode existir apenas na consciência da pessoa (Trakas, 2023). Sendo assim, devido à sua característica menos concreta e mais voltada à construção mental idealizada do sujeito, a viagem mental no tempo se apresenta como caminho mais acessível à realização do desejo na fantasia.

Assim, retomando o conceito psicanalítico de fantasia, pode-se sustentar que a viagem no tempo tem como ponto central a perspectiva de atingir uma satisfação inacessível na realidade presente (Nasio, 2007). Tal como o sonho, a fantasia se apoia em uma lógica atemporal, não linear e sem contradição, visando apenas a satisfação pulsional sem se preocupar com a coerência do conteúdo fantasiado (Freud, [1900] 1996a).

Ao considerar o tempo como “somas de experiências que se aglutinam e se reconfiguram” (Bueno; Zanella, 2022, p. 5) e que são revividas pelas memórias, é plausível sustentar que a rememoração do passado exerce influência sobre a postura do indivíduo em relação ao seu tempo presente. No entanto, para que esta atitude frente ao tempo se converta em ato de escape é necessário que seja acompanhada de um

descontentamento do presente. Este descontentamento, resultado da impossibilidade de satisfação das pulsões, parece se alinhar ao conceito de “mal-estar”, delineado por Freud ([1930] 2011). Nesse sentido, o desconforto criado em virtude da insatisfação pode motivar a intensificação do processo de fantasia, em busca de um alívio possível.

Há uma grande variedade de histórias no cinema nas quais os personagens buscam cumprir seus objetivos por meio da viagem no tempo, seja para salvar um ente querido, impedir uma catástrofe, viver em uma época que acredita ser melhor, mudar algo que lhe faz sentir culpado, entre outros objetivos. Tais motivações e sentimentos não são estranhos ao telespectador, que se identificam com tais elementos. Nessa jornada, além da realização de desejos também há elementos que frustram o espectador, podendo gerar reflexões e elaborações importantes sobre a relação humana com o tempo e os limites da realidade, uma vez que o contato com o sofrimento costuma atenuar as pretensões humanas de busca de uma felicidade plena e idealizada, como já destacou Freud ([1930] 2011).

Enfim, a curiosidade e o encanto em debater e representar a ideia de viajar no tempo no universo artístico, especialmente no cinema, demonstra a conexão que esse fenômeno tem com aspectos psicológicos importantes dos seres humanos, apontando para questões como o mal estar com a vida presente, o papel central das fantasias, a capacidade de realizar viagens mentais desvinculadas dos limites físicos da realidade e a possibilidade de refletir sobre o tempo e os limites da condição humana.

2 METODOLOGIA

Para investigar as representações subjetivas e potenciais terapêuticos da viagem no tempo no cinema foram utilizados os métodos de análise fílmica, sondagem de opinião online e pesquisa interventiva. Cada um desses métodos será descrito nos próximos itens.

2.1 ANÁLISE FÍLMICA

De acordo com Penafria (2009), a análise fílmica pode ser entendida como um processo sistemático e reflexivo de interpretação e compreensão de um filme, levando em conta seus múltiplos níveis de significação — narrativo, estético, técnico, simbólico, ideológico, entre outros. O método inclui a exploração em profundidade de aspectos importantes das narrativas, visando a compreensão das relações entre os elementos e seus significados (Goliot-Lété; Vanoye, 1994).

Na presente pesquisa, o primeiro passo foi a delimitação de alguns critérios para a seleção dos filmes: a) disponibilidade online; b) apresentar versão em português; c) relevância cultural, seja pela popularidade ou pela apreciação crítica; d) variedade de gênero e de nacionalidade (embora menos conhecidos, priorizou-se filmes não americanos); e) apresentar o tema viagem no tempo como elemento central da trama, de acordo com o seguinte conceito: jornada caracterizada pela ocorrência de deslocamento físico entre períodos distintos ou presença de comunicação real entre dois pontos diferentes no tempo. Dessa forma, foi selecionada uma amostra de 25 filmes sobre viagem no tempo, conforme pode ser observado no QUADRO 1.

QUADRO 1 - Amostra de filmes analisados, por ordem de ano de lançamento

	Filme	Ano	Nacionalidade
1	La Jetée	1962	França
2	Em Algum Lugar do Passado	1980	EUA
3	Exterminador do Futuro I	1984	EUA
4	De volta para o futuro	1985	EUA
5	Exterminador do Futuro II	1991	EUA
6	Feitiço do tempo	1993	EUA
7	Os Doze Macacos	1995	EUA
8	Corra Lola Corra	1999	Alemanha
9	Alta Frequência	2000	EUA
10	Donnie Darko	2001	EUA
11	Efeito Borboleta	2004	EUA
12	A Casa do Lago	2006	EUA
13	Los Cronocrímenes	2007	Espanha
14	Família do Futuro	2007	EUA
15	Meia Noite em Paris	2011	EUA
16	O homem do Futuro	2011	Brasil
17	Liga da Justiça: Ponto de Ignição	2013	EUA
18	Questão de Tempo	2013	EUA
19	Interstellar	2014	EUA
20	O predestinado	2014	Austrália
21	Durante a Tormenta	2018	Espanha
22	Palm Springs	2020	EUA
23	A ligação	2020	Coréia do Sul
24	2 minutos além do Infinito	2020	Japão
25	Caddo Lake	2024	EUA

FONTE: Os autores (2025)

Após a seleção, procedeu-se à análise fílmica das obras selecionadas: todos os filmes foram assistidos e debatidos pelos pesquisadores, procurando analisar os seguintes elementos em particular: gênero cinematográfico, temáticas mais relevantes, mecanismos de viagem no tempo e categorias subjetivas.

A partir da leitura dos filmes, foi utilizado o procedimento de análise categorial (Bardin, 2016), que consiste em classificar o conteúdo em categorias temáticas, que são agrupamentos de elementos com algo em comum. O objetivo dessa etapa foi comparar os filmes, organizando-os e interpretando seus dados, identificando regularidades, padrões e sentidos presentes nas narrativas.

2.2 PESQUISA DE OPINIÃO ONLINE

Além da análise fílmica foi utilizada também a pesquisa de opinião online com o objetivo de investigar a percepção do público a respeito das narrativas de deslocamento temporal. Essa etapa foi realizada por intermédio de um formulário online criado no aplicativo *Google Forms* com perguntas fechadas e abertas.

A amostra da pesquisa foi por conveniência, sendo o único critério de participação o fato de ser maior de 18 anos. Foi comunicado e enfatizado na apresentação do formulário que se tratava de uma pesquisa de opinião anônima e com perguntas que não causariam desconforto, sendo uma pesquisa dispensada da necessidade de apreciação pelo Comitê de Ética, com base na resolução 510 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016).

2.3 PESQUISA INTERVENTIVA

A pesquisa interventiva é uma modalidade investigativa que parte do princípio de produzir conhecimento a partir de intervenções realizadas com um grupo, comunidade ou indivíduos inseridos em contextos específicos e singulares (Baptista; Noguchi; Calil, 2006). Na presente investigação, a fonte da pesquisa foi uma intervenção realizada com um grupo de idosos participantes de um projeto voltado para a terceira idade. O objetivo da intervenção foi refletir sobre a relação humana com o tempo, num modelo de grupo focal. Nesse processo foram realizados três encontros, cada qual com a exibição de um filme seguido por um debate. Não houve coleta de dados direta. As informações levantadas e listadas nos resultados, de forma anônima, emergiram da própria intervenção. Nesse sentido, não houve necessidade de protocolo no Comitê de Ética, conforme o artigo VII (uso de informações que emergem espontaneamente e contingencialmente na prática profissional) (Brasil, 2016).

Na intervenção, os critérios utilizados para seleção dos filmes foram: fazer parte da lista de filmes selecionados e analisados pelos pesquisadores com o tema de viagem no tempo; filmes que não gerassem desconforto ao grupo; obras que não explorassem conceitos científicos e diálogos muito complexos.

A partir destes critérios, foram selecionados os filmes: *Meia noite em Paris* (2011), *Alta Frequência* (2000) e *Questão de tempo* (2013), exibidos todos em versão dublada.

3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

3.1 RESULTADOS DA ANÁLISE FÍLMICA

Durante 12 meses de pesquisa, foi possível analisar e discutir 25 filmes que abordam o tema viagem no tempo, sendo 17 norte-americanos e 8 de nacionalidades diversas (Espanha, Alemanha, França, Coréia, Japão, México e Brasil). A metodologia do estudo consistiu na exibição de um filme por semana, seguido de debates presenciais a respeito de suas implicações e narrativas. Embora o estilo predominante tenha sido a ficção científica, houve uma variedade grande de gêneros, incluindo comédia, romance, drama, terror, suspense, animação e aventura.

Por intermédio da análise categorial, foram construídas 12 temáticas que se repetiram nos filmes: Nostalgia e Desilusão, Utopia e Distopia, Reparação e Paradoxo, Livre Arbítrio e Destino, Controle e Efeito Borboleta, Transformação e Estagnação. Essas categorias foram agrupadas em pares antagônicos, permitindo uma análise das consequências, tanto positivas quanto negativas, da viagem no tempo sobre os personagens retratados.

A compreensão desses tópicos foi aprofundada por meio da teoria psicanalítica, estabelecendo uma conexão entre esta e os elementos presentes em cada filme. Para uma análise mais detalhada é crucial abordar a explicação de cada categoria, bem como a presença delas em cada um dos filmes analisados.

A Nostalgia pode ser entendida como uma construção cognitiva que idealiza o passado, atribuindo-lhe uma qualidade positiva e superior em comparação com o presente. Trata-se de um sentimento que emerge como uma resistência frente a um desencanto que o sujeito experimenta com a vida atual (Vargas, 2017). Em contrapartida, a Desilusão refere-se ao processo de confronto com a realidade, no qual se constata que o passado não possui as qualidades e a perfeição anteriormente atribuídas a

ele, resultando em uma percepção mais crítica e menos idealizada. A desilusão, aos olhos de Freud ([1911] 2010a), é marcada pelos processos de separação e renúncia de determinadas formas de prazer, como consequência do princípio da realidade.

Em *Meia Noite em Paris* (2011) há uma representação icônica desses processos (nostalgia - desilusão), uma vez que, no filme, o personagem Gil realiza o sonho de viajar para os anos 1920 em Paris, conhecendo grandes intelectuais da época como Ernest Hemingway, F. Scott Fitzgerald e Salvador Dalí. Com o tempo, entretanto, descobre que a idealização do passado é uma ilusão, optando por viver no presente.

A Utopia refere-se a uma construção mental de uma sociedade idealizada e perfeita, caracterizada pela ausência de problemas sociais, econômicos, políticos ou ambientais, onde prevalece a harmonia e o bem-estar coletivo (Rea, 2021). Em *Família do Futuro* (2007), por exemplo, vemos um mundo no qual a tecnologia realiza praticamente todas as tarefas domésticas. Em contraste, a Distopia refere-se a uma sociedade fictícia com características altamente negativas, na qual os indivíduos são privados de liberdade, dignidade e direitos fundamentais, frequentemente submetidos a condições de opressão e controle (Rea, 2021), como o mundo devastado por uma guerra entre humanos e máquinas, retratado em *Exterminador do Futuro* (1984).

A Reparação pode ser compreendida como o desejo de alterar o passado com o objetivo de aliviar ou extinguir o sentimento de culpa, como é ilustrado pela jornada do personagem Paris no filme *Caddo Lake* (2024), que, sentindo-se culpado pela morte da mãe, acaba realizando uma jornada temporal na tentativa de remediar esse evento. Embora não seja a única motivação para alterar o passado, a culpa costuma se configurar como uma fonte importante de reparação (Klein, 1996), no sentido de desejar preservar o objeto amado a todo custo. Já o Paradoxo refere-se à noção de que ações tomadas para modificar eventos passados acabam, paradoxalmente, por serem as responsáveis por sua ocorrência, evidenciando a impossibilidade intrínseca de alterar o curso do passado. Esse fenômeno é muito comum em películas de viagem no tempo, sendo trabalhado com maestria no filme espanhol *Los Cronocrímenes* (2007), no qual todas as ações do personagem Héctor para modificar os eventos acabam por determiná-lo, num entrelaçamento circular no qual o passado determina o futuro e o futuro determina o passado.

Em *"A Casa do Lago"* (2006), por intermédio de uma comunicação entre presente e passado, Kate consegue alterar o destino fatal, salvando a vida de Alex. Nesse caso, vê-se o desenrolar do Livre Arbítrio, a crença na capacidade do indivíduo de tomar decisões autônomas, exercendo liberdade plena na escolha de seus caminhos. Por outro lado, o Destino é a concepção de que a liberdade humana é restrita ou até

mesmo inexistente, sendo os eventos da vida predestinados ou determinados por forças externas (determinismo). No filme *O Predestinado* (2014), por exemplo, John tenta a todo custo evitar um ataque terrorista, mas cada decisão que toma é apenas uma ilusão de liberdade, pois nada do que realiza é capaz de alterar o destino final.

Segundo a psicanálise, pode-se dizer que o livre-arbítrio é uma convicção alimentada justamente na tentativa de negar o determinismo psíquico (Freud, [1901] 1996b). Embora a possibilidade de uma margem de liberdade não seja completamente negada, as determinações inconscientes (simbolizadas nos filmes pelo destino inexorável dos personagens) acabam por se impor na medida em que são ativadas pelos conflitos, traumas e experiências não elaboradas pelo sujeito, que insistem em retornar em forma de sintomas, lapsos, esquecimentos e atos falhos (Freud, [1901] 1996b).

A categoria Controle pode ser compreendida como o anseio por exercer domínio sobre a realidade, buscando orientá-la de acordo com as próprias vontades e intenções. O psicanalista Wilfred Bion (2003) resume essa possível necessidade de controle do homem quando comenta que o medo do caos leva à necessidade de controlar, organizar e nomear a experiência. Em contrapartida, o Efeito Borboleta refere-se aos resultados imprevisíveis e incontroláveis das ações humanas, evidenciando a limitação da capacidade de controle sobre a realidade e demonstrando como pequenos eventos podem desencadear consequências amplas e complexas. Um exemplo evidente desse fenômeno ocorre no próprio filme homônimo, *Efeito Borboleta* (2004), no qual Evan se empenha em alterar o passado para tornar o presente melhor, mas, a cada tentativa, há uma consequência negativa que torna a nova realidade temporal insuportável.

A categoria Transformação foi utilizada para identificar o desejo de mudar para melhor, superando dificuldades relacionadas à própria personalidade. Já a Estagnação representa um funcionamento subjetivo marcado pela manutenção ou deterioração da estrutura de personalidade. Essas categorias foram construídas a partir de filmes que abordam o chamado *loop* temporal, cuja narrativa apresenta um ou mais personagens que revivem o mesmo dia, repetidamente, como acontece em *Feitiço do Tempo* (1993) e *Palm Springs* (2020). Nessas películas, os protagonistas tentam escapar a todo custo do ciclo de repetição temporal, mas acabam fracassando reiteradamente, como se fosse uma metáfora do processo de estagnação, que lembra o conceito de repetição em psicanálise, ou seja, a tendência inconsciente do sujeito de reviver experiências passadas — muitas vezes traumáticas — mesmo que isso lhe traga sofrimento (Laplanche; Pontalis, 2022). A saída, para os personagens, só ocorre quando se desprendem de si mesmos e aprendem a amar, trazendo uma perspectiva de transformação baseada na reflexão e na superação do narcisismo.

No QUADRO 2, é possível visualizar uma síntese das categorias encontradas e sua presença nos filmes investigados.

QUADRO 2 - Presença das categorias na amostra de filmes analisados

Categoria	Frequência na amostra	Filmes (ver quadro 1)
Nostalgia e Desilusão	Quatro (4)	(1), (7), (15), (18)
Utopia e Distopia	Dez (10)	(1), (2), (4), (10), (11), (12), (19), (20), (21)
Reparação e Paradoxo	Vinte e três (23)	(1), (2), (3), (4), (5), (7), (9), (10), (11), (12), (13), (15), (16), (17), (18), (19), (20), (21), (23),(25)
Livre Arbítrio e Destino	Vinte e cinco (25)	Todos os filmes
Controle e Efeito Borboleta	Treze (13)	(4), (8), (9), (11), (14), (16), (17), (18), (21), (23)
Transformação e Estagnação	Dois (2)	(6) e (22)

FONTE: Os autores (2025)

3.2 RESULTADOS DA PESQUISA DE OPINIÃO

A pesquisa de opinião contou com a participação de um total de 165 respondentes, sendo 66% do sexo feminino, 33% do sexo masculino e 1% que optaram por não responder esse item. A média de idade foi de 32 anos, sendo que 50% dos respondentes tinham entre 18 e 26 anos, com 66% com ensino superior em andamento ou completo, indicando a predominância de público universitário na amostra.

Em relação aos filmes preferidos de viagem no tempo, foram citadas 48 obras, sendo que as mais mencionadas foram, respectivamente: De Volta para o Futuro (39 menções), Interestelar (21 menções), Questão de Tempo (14 menções), Efeito Borboleta (10 menções) e De Repente 30 (6 menções). Os demais, obtiveram menos de 5 citações. A maioria (72%) sinalizou que assistiu de 1 a 10 filmes sobre a temática durante a vida, apontando como gêneros preferidos a ficção científica (46%), a aventura (22%), o drama (12%) e a comédia (9%).

A partir das respostas à indagação relativa aos elementos que mais marcaram os telespectadores em narrativas de viagem no tempo, foram elencadas 10 categorias, a partir da análise de conteúdo: a) “Efeito Borboleta” (31 menções); b) “Reparação, alterar algo no passado” (15); c) “Destino” (11); d) “Paradoxos” (10); e) “Curiosidade” (8); f) “Nostalgia” (7); g) “Aprender a Valorizar o Presente” (7); h) “A viagem no tempo como um risco” (4); i) “Tornar o Futuro melhor” (3); j) “Temor em relação ao futuro” (2).

Quando questionados sobre o tema que mais apreciam nos filmes de viagem no tempo, os respondentes deixaram transparecer a preferência por três temáticas: “Voltar no tempo para corrigir um erro ou tentar fazer algo diferente” (46 votos); “Perceber que é mais importante aceitar a vida como ela é do que modificar o passado” (43 votos); e “Compreender que não é bom conhecer o futuro, mas sim viver o presente intensamente” (25 votos). Por fim, quanto ao questionamento relativo a qual seria o maior problema de viajar no tempo na ótica das narrativas fílmicas, as respostas centraram-se em: “Interferir na ordem natural dos acontecimentos e causar uma catástrofe (no espaço-tempo, no planeta, no universo...)” (76 votos); “Tentar consertar uma questão do passado, mas acabar estragando outra” (45 votos); e, finalmente, “Perceber que, no fundo, não há como alterar os acontecimentos do passado” (25 votos).

Considerando a amostra exposta acima e as categorias e temas de resposta com maior expressão quantitativa, pode-se conjecturar que o interesse na viagem no tempo está majoritariamente correlacionado à possibilidade de alterar o passado e, paradoxalmente, com os efeitos que tal mudança poderia acarretar. Ou seja, ainda que “voltar no tempo para corrigir um erro ou tentar fazer algo diferente” esteja em destaque frente às demais temáticas, esta é seguida, prontamente, por “perceber que aceitar a vida como ela é, é mais importante do que modificar o passado”; Ainda que, dentre as categorias, “Efeito Borboleta” tenha primazia, é seguida por “Reparação, alterar algo no passado”. Dessa forma, é como se a fantasia inicial de que a viagem no tempo pudesse construir uma realidade alternativa mais interessante ou menos problemática, fosse acoplada rapidamente à frustração e à impossibilidade concreta de sua realização, ou ao receio (moral) relacionado aos efeitos imprevisíveis de perturbação da ordem instituída física e socialmente.

Tal como foi sustentado na revisão de literatura, a fantasia se constitui num ato de produção de prazer a partir da construção de um cenário imaginário que permite a realização de um desejo hedonista impossível de efetivação na realidade (Stock, 2009). Sendo da ordem do irrealizável, a viagem no tempo se enquadra como uma fantasia na qual os personagens têm a possibilidade de alterar o passado, o que gera uma conexão com o telespectador que se identifica com essa premissa, já que a maioria das pessoas possui algum tipo de arrependimento, culpa ou desejo de ter uma vida diferente.

Entretanto, a grande maioria dos filmes não se limita a explorar a concretização das fantasias de forma plena e livre de problemas. Pelo contrário, são retratadas diversas dificuldades e frustrações, tornando a realização do desejo algo penoso ou até mesmo impossível. Tal impossibilidade, moral ou concreta, ainda que possa ser pensada como avassaladora, é estruturante da própria possibilidade de fantasiar, uma vez que, como afirma Nasio (2007), a fantasia decorre de uma satisfação real impossível. Dessarte,

a partir das respostas, é possível argumentar que as frustrações dos personagens na empreitada de modificar o curso do tempo suscitam nos telespectadores um processo reflexivo que auxilia na elaboração da inexorabilidade do tempo. Ou seja, apesar de tudo, o presente é o que resta, restando a alternativa de vivê-lo da melhor maneira possível.

3.3 RESULTADOS DA PESQUISA INTERVENTIVA

Foram realizadas três intervenções com um grupo da terceira idade composto por 7 integrantes, sendo 6 mulheres e um homem. As intervenções consistiram em assistir a um filme escolhido previamente com a temática de viagem no tempo e, posteriormente, debater com os participantes suas percepções sobre o longa, refletindo sobre a temática.

No primeiro encontro, a película escolhida para exibição foi o longa metragem *Meia Noite em Paris* (2011), de Woody Allen. O filme conta a história de Gil, um escritor que está visitando Paris com sua noiva e, em um de seus passeios pela cidade, encontra uma espécie de carruagem mágica que o transporta à Paris dos anos 1920. Nessa jornada, Gil se encanta profundamente ao interagir com seus grandes ídolos, como os escritores F. Scott Fitzgerald e Ernest Hemingway e os pintores Pablo Picasso e Salvador Dalí.

Após assistirem ao filme foi realizada uma breve apresentação sobre os aspectos técnicos e artísticos da obra, como a escolha de diferentes cores para as cenas de passado e presente, figurinos de época, e ambientação dos cenários. O debate, então, teve prosseguimento, abordando primeiramente as características psicológicas do protagonista Gil, com seu olhar romântico pelo passado e suas frustrações com o presente. Gil, segundo os participantes, “estava perdido e não tinha seus objetivos claros”. Eles também apontaram a notória transformação do personagem ao final do filme e o quanto ele pôde evoluir em seu autoconhecimento. Os participantes ficaram interessados em entender sobre como as teorias psicológicas poderiam esclarecer as mazelas do protagonista e de que forma o recurso audiovisual poderia contribuir para uma psicoterapia.

Outra reflexão suscitada pelo filme girou em torno da questão: “Como seria viajar no tempo para você, se isso fosse possível?”. Inicialmente, todos responderam que não tinham interesse, pois viajar no tempo mudaria quem eles são no presente. Porém, depois de alguns minutos repensaram e disseram que voltariam para a época de infância. Quando questionados sobre o motivo dessa escolha, eles trouxeram afirmações como “gostaria de ver a minha família”, “curtiria mais pois não tinha problemas ou sofrimento” e associaram a figura da criança como alguém poupado das responsabilidades e dificuldades da vida. Outra participante comentou sobre a curiosidade de saber como

a sua vida seria se tivesse sido mãe, pois, segundo ela, quando se atentou para essa questão, o tempo já havia passado e percebeu que já não poderia mais gestar um filho.

Contudo, eles ressaltaram que essa viagem ao passado poderia ser negativa porque não estavam interessados em repetir suas vidas novamente ou voltar para uma época de problemas, como foi o caso dos anos 1940, no contexto da Segunda Guerra Mundial. Então a discussão continuou com outra pergunta, “e o futuro, gostariam de ver como seria?” e apenas um participante respondeu que gostaria de saber quando morreria para que pudesse aproveitar seu tempo restante de vida com maior qualidade.

No segundo encontro, o filme selecionado para a intervenção foi o longa *Alta Frequência* (2000). O longa conta a história do jovem policial John Sullivan que durante uma noite de tempestade solar encontra o aparelho de rádio de seu falecido pai. Por meio do rádio, John é contatado por Frank, um bombeiro que, pelas conversas, parece estar vivendo no ano de 1969. John, então, percebe que aquele sujeito é seu pai. O filho, então, passa a tentar mudar o passado alertando o pai a respeito do incidente que o matou. A escolha deste filme se deu, principalmente, por sua temática familiar e por abordar a modificação de eventos do passado, que desencadeia consequências tanto positivas quanto negativas para o protagonista.

Primeiramente, os participantes foram convidados a pensar se gostariam de se comunicar com alguém do passado. Todos afirmaram que escolheriam uma pessoa da família, caso existisse essa possibilidade, em consonância com a abordagem do filme, no qual um filho e um pai se comunicam a partir de tempos diferentes.

Inspirada pela narrativa, uma das participantes relatou que gostaria de mudar um fato específico no seu passado: evitar o assassinato de sua neta para que seu filho não sofresse tanto. Porém, no encontro anterior, esta mesma participante havia sinalizado que não gostaria de mudar nada no passado, afirmando que isso alteraria fundamentalmente quem as pessoas são (identidade). Esse contraste revela que, de alguma forma, o filme *Alta Frequência* favoreceu o exercício de pensar sobre um evento difícil da história de vida, uma vez que a narrativa aborda diretamente a questão de um assassinato e a possibilidade de revertê-lo.

Por fim, ainda no segundo encontro, quando questionados sobre a possibilidade de alterar algo no passado se houvesse algum tipo de garantia de que a mudança acarretasse somente algo positivo, uma das participantes respondeu que gostaria de ter sido famosa.

No terceiro encontro, a última obra selecionada para a intervenção foi o longa *Questão de Tempo* (2013). O filme conta a história do jovem Tim Lake, que ao completar 21 anos, descobre que os homens de sua família têm o poder de viajar no tempo, em direção ao passado, sendo capaz de modificar eventos que foram vividos.

Tim usa essa habilidade para desfazer erros e gafes, conquistar o coração da mulher dos seus sonhos, salvar seu amigo de um desastre profissional e reviver momentos importantes de sua vida.

A escolha deste filme se deveu principalmente ao fato de apresentar uma temática leve e familiar, levantar questões relativas ao poder de escolha e renúncia, além de propor uma mensagem positiva. Após o término da exibição, as participantes afirmaram ter gostado da história e da proposta da mesma. Elas pontuaram que adorariam voltar ao passado para alterar coisas pequenas, tais como uma gafe cometida ou uma conversa que tiveram com alguém. Todas concordaram que a mensagem principal do filme é a valorização do presente, pois o passado não existe mais e o futuro ainda está por vir.

Elas afirmaram também que suas experiências anteriores (mesmo aquelas mais difíceis) puderam contribuir para tornar quem elas são hoje e reconheceram que incentivos vindos da base familiar fazem a diferença na formação do indivíduo.

Ao longo das intervenções o grupo apresentou certa resistência a algumas perguntas, porém, após o debate foi oferecido um *coffee break* no qual os participantes se sentiram mais à vontade e conversaram mais espontaneamente sobre o assunto, principalmente sobre detalhes da sua vida pessoal e opiniões sobre sofrimentos que passaram.

Por fim, foi requisitado no último encontro que respondessem à pergunta: “após assistir aos 3 filmes sobre viagem no tempo, qual a mensagem mais importante que você retirou dessa temática?”. As respostas obtidas foram similares, pois abrangeram os seguintes aspectos: importância de viver o presente sem se prender ao passado e pensar demais no futuro, aprender a viver bem cada dia e valorizar o que se tem hoje.

Em síntese, os participantes demonstraram viver em paz com seu passado e ressaltaram muito a importância de viver o presente. Muitos sentem orgulho de suas superações e capacidade de adaptação frente às diversidades, concluindo que é necessário aceitar os fatos e dar continuidade na vida. Estas respostas vão de encontro aos temas mais apreciados de viagem no tempo na pesquisa de opinião, uma vez que 43 votantes mencionaram a importância de aceitar a vida como ela é e 25 assinalaram que conhecer o futuro não é bom, mas sim viver o presente.

Em relação às categorias identificadas nos filmes de viagem no tempo, foi possível identificar a presença da nostalgia, quando o grupo trouxe a ideia da infância como sendo um período isento de problemas e sem responsabilidades, evidenciando a fantasia de um passado idealizado, tal qual a concepção de Vargas (2017). A reparação também foi outra categoria predominante no discurso dos participantes, tendo em vista os desejos de modificar questões pequenas ou reparar eventos mais importantes como a prevenção de um assassinato ou vivenciar a experiência de ser mãe.

Por fim, foi muito forte no discurso do grupo o medo do efeito borboleta, sinalizado pelo temor de alterar algum evento e perder a própria identidade, numa percepção de que cada experiência de vida foi importante para a constituição da sua personalidade e seus relacionamentos atuais.

Por meio dos três encontros foi possível perceber a importância da fantasia como um modo de satisfação parcial de desejos, conforme o conceito de Nasio (2007). Porém, para além da experiência de fuga momentânea da realidade, os filmes também estimularam a imaginação e a reflexão dos participantes. Esse processo pode ser comparado ao que Freud ([1930] 2011) entende por sublimação, que é o redirecionamento da pulsão sexual para atividades socialmente valorizadas, como a arte e a ciência, numa forma criativa de lidar com frustrações da vida real. Além disso, ao representar os obstáculos da viagem no tempo, o cinema lança metáforas que estimulam a reflexão, favorecendo a elaboração psíquica (Freud, [1914] 1996c). Ao se identificar com personagens e lidar com frustrações narrativas, o espectador confronta aspectos inconscientes, num processo que pode ampliar a consciência sobre os próprios limites e desejos, sinalizando o potencial terapêutico da sétima arte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa longa jornada de pesquisa, foi possível realizar uma imersão no universo cinematográfico da viagem no tempo concretizando três procedimentos metodológicos que forneceram elementos para refletir sobre as representações subjetivas e os potenciais terapêuticos dos filmes que se conectam com essa temática.

Na análise fílmica, realizou-se uma leitura de vinte e cinco obras cinematográficas de diferentes gêneros e nacionalidades, compreendendo o período de 1962 a 2024. A análise comparativa revelou que há temáticas que são recorrentes nessas películas, apontando questões subjetivas importantes dos personagens, que por sua vez se conectam com os desejos inconscientes do espectador.

Por vezes, os filmes abordam questões positivas como o desejo de viver numa era de ouro, reencontrar pessoas significativas, consertar um erro do passado, tomar uma decisão diferente ou viver em um futuro melhor. Os desejos de liberdade, controle e felicidade plena são motivações importantes dos personagens na sua jornada temporal, gerando uma sintonia com os espectadores, que acabam torcendo pelos viajantes do tempo.

Por outro lado, poucos filmes apresentam um final efetivamente feliz, destacando também os obstáculos e efeitos colaterais da viagem no tempo: a desilusão com o passado outrora idealizado, a eclosão de um futuro sombrio, paradoxos limitantes, as

tentativas frustradas de reparação e o efeito borboleta. Dessa forma, tais narrativas permitem uma reflexão sobre as limitações fundamentais da existência humana.

Na pesquisa de opinião, pôde-se confirmar que o público realmente tem apreço pela temática da viagem no tempo, citando diversos filmes e identificando as mesmas categorias temáticas nas obras assistidas. Evidenciou-se um interesse especial na viagem no tempo enquanto possibilidade de alterar o passado e, ao mesmo tempo, o temor ligado aos possíveis efeitos que estas alterações podem acarretar.

Com a intervenção realizada com um grupo de terceira idade, foi possível utilizar três filmes como facilitadores de uma discussão sobre a relação humana com o tempo. Os participantes manifestaram questões como nostalgia em relação à uma infância idealizada (sem preocupações), a possibilidade de rever a família, de explorar um caminho diferente na sua vida e o desejo de reparação (evitar um acontecimento trágico). Contudo, o medo de reviver problemas que já superaram ou a possibilidade do efeito borboleta (perder algo já conquistado), levou os participantes a manifestar receio em relação ao deslocamento temporal. Nesse sentido, a reflexão sobre a valorização do presente destacou-se como o principal *insight* do grupo. Dessa forma, pode-se concluir que as narrativas podem funcionar como elementos catalisadores do processo terapêutico, uma vez que a viagem no tempo no cinema pode instigar uma viagem no tempo mental, evocando memórias e reflexões sobre o passado, numa perspectiva de ressignificação do presente.

Contudo, é preciso destacar que a presente investigação apresentou alguns limites. A amostra de filmes, embora ampla, certamente deixou de fora muitas obras importantes, incluindo filmes de outras nacionalidades. A pesquisa de opinião se baseou em um público predominantemente universitário, o que pode ter enviesado as opiniões. E, por fim, a pesquisa interventiva resumiu-se a apenas três encontros, o que certamente limitou as possibilidades de debate. Desse modo, outras investigações seriam bem vindas, visando aprofundar mais as categorias elencadas e ampliar a reflexão sobre os potenciais terapêuticos sugeridos.

A viagem no tempo é um tema instigante e não resta dúvida de que o cinema apresenta narrativas que são capazes de provocar elaborações subjetivas importantes, que podem auxiliar no autoconhecimento e levar a construção de novos significados em relação às decisões e caminhos escolhidos, trazendo uma nova perspectiva para o presente. Como disse Tim, o protagonista do filme *Questão de Tempo* (2013):

E então, finalmente, acho que aprendi a lição mais simples e mais importante da minha vida. E é esta: Eu apenas tento viver cada dia como se tivesse voltado propositalmente para este dia, para aproveitá-lo, como se fosse o último dia da minha extraordinária e comum vida.

REFERÊNCIAS

- 2 MINUTOS ALÉM DO INFINITO. Direção de Junta Yamaguchi. Japão: Third Window Films, 2020.
- A CASA DO LAGO. Direção de Alejandro Agresti. EUA: Warner Bros, 2006.
- A CONNECTICUT YANKEE IN KING ARTHUR'S COURT. Direção de Emmett J. Flynn. EUA: Fox Film, 1921.
- A LIGAÇÃO. Direção de Lee Chung-hyun. Coréia do Sul: Netflix, 2020.
- ALTA FREQUÊNCIA. Direção de Gregory Hoblit. EUA: New Line Cinema, 2000.
- BAPTISTA, Marisa Todescan Dias Da Silva; NOGUCHI, Natália Felix De Carvalho; CALIL, Simone Dalla Barba Walckoff. A pesquisa interventiva na psicologia: análise de três experiências. **Psicologia para América Latina**, n. 7, México, 2006. Disponível em: <https://psicolatina.org/Siete/pesquisa.html>. Acesso em: 17 jun. 2025.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- Bion, Wilfred R. **Aprendendo com a experiência**. São Paulo: Imago, 2003.
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. **Gov.br**, Brasília, 2016. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/atos-normativos/resolucoes/2016/resolucao-no-510.pdf/view>. Acesso em: 17 jun. 2025.
- BUENO, Gabriel.; ZANELLA, Andréa Vieira. Imagem, cinema e psicologia: compondo aproximações entre arte e ciência. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 33, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-564e200101>. Acesso em: 30 set. 2024.
- CADDO LAKE. Direção de Celine Held, Logan George. EUA: Max, 2024.
- CORRA LOLA CORRA. Direção de Tom Tykwer. Alemanha: X-Filme, 1999.
- CURRY, Jarvis Tyrell. Exploring time travel rules in time travel films. **CINEJ Cinema Journal**, Pittsburgh, v. 11, n. 2, p. 150–176, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5195/cinej.2023.521>. Acesso em: 1 jul. 2025.
- DE VOLTA PARA O FUTURO. Direção de Robert Zemeckis. EUA: Universal Pictures, 1985.
- DILL-SHACKLEFORD, Karen E.; VINNEY, Cynthia; HOPPER-LOSENICKY, Kristin. Connecting the dots between fantasy and reality: The social psychology of our engagement with fictional narrative and its functional value. **Social and Personality Psychology Compass**, v. 10, n. 11, p. 634-646, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/spc3.12274>. Acesso em: 30 jun. 2025.
- DONNIE DARKO. Direção de Richard Kelly. EUA: Europa Filmes, 2001.
- DURANTE A TORMENTA. Direção de Oriol Paulo. Espanha: Think Studios/Mirage Studio/Atresmedia/Colosé Producciones, 2018.
- EFEITO BORBOLETA. Direção de Eric Bress & J. Mackye Gruber. EUA: Europa Filmes, 2004.
- EM ALGUM LUGAR DO PASSADO. Direção de Jeannot Szwarc. EUA: Rastar Pictures, 1980.
- EXTERMINADOR DO FUTURO I. Direção de James Cameron. EUA: Cinema '84/ Euro Film Funding/Hemdale/ Pacific Western Productions, 1984.
- EXTERMINADOR DO FUTURO II. Direção de James Cameron. EUA: Carolco Pictures, 1991.
- FAMÍLIA DO FUTURO. Direção de Stephen J. Anderson. EUA: Walt Disney, 2007.
- FEITIÇO DO TEMPO. Direção de Harold Ramis. EUA: Columbia Pictures, 1993.

FERNANDES, Ana Lúcia Sampaio. Cinema e Psicanálise. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, n. 28, p. 69-73, 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372005000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 jun. 2025.

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos. In: Freud, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 4. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. (Obra original publicada em 1900)

FREUD, Sigmund. Sobre a psicopatologia da vida cotidiana. In: Freud, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 5. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. (Obra original publicada em 1901).

FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneios. In: Freud, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 9. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. (Obra original publicada em 1908)

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir, elaborar. In: **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. (Obra original publicada em 1914)

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo. In: **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996d. (Obra original publicada em 1914).

FREUD, Sigmund. O ego e o id. In: **Freud, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1996e. (Obra original publicada em 1923)

FREUD, Sigmund. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In: Freud, Sigmund. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente (1911-1915)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. (Obra original publicada em 1911)

FREUD, Sigmund. **Obras completas volume 12**: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar (1914). In: FREUD, Sigmund. **Escritos sobre a técnica psicanalítica (1911-1915)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010c. p. 209-222

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Obra original publicada em 1930)

GARDINER, John. Episodic memory and auto-noetic consciousness: a first-person approach. **Philosophical Transactions of the Royal Society of London**. Londres, v. 356, n. 1413, p. 1351–1361, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1098/rstb.2001.0955>. Acesso em: 15 abr. 2025.

GREEN, Melanie C.; GARST, Jennifer; BROCK, Timothy C. The Power of Fiction: Determinants and Boundaries. In: SHRUM, L. J. **The Psychology of Entertainment Media**. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2004. p. 161–176.

HARRY POTTER E O PRISIONEIRO DE AZKABAN. Direção de Alfonso Cuarón. EUA: Warner Bros, 2004.

INTERSTELLAR. Direção de Christopher Nolan. EUA: Syncopy Films, 2014.

KLEIN, Melanie. **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921–1945)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LA JETÉE. Direção de Chris Marker. França: Argos Filmes, 1962.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2022.

LIGA DA JUSTIÇA: PONTO DE IGNIÇÃO. Direção de Jay Oliva. EUA: Warner Bros. Animation, 2013.

LOS CRONOCRIMENES. Direção de Nacho Vigalondo. Espanha: Karbo Vantas Entertainment / Zeppelins Integrals Produccions / Fine Productions, 2007.

MARTTA, Margareth Kuhn. **Psicanálise e Cinema: A Subjetividade Contemporânea nas Fabulações da Cultura**. 2008. 196 p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2008.

MEIA NOITE EM PARIS. Direção de Woody Allen. EUA: Sony Pictures Classics, 2011.

NASIO, Juan - David. **A fantasia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

O HOMEM DO FUTURO. Direção de Cláudio Torres. Brasil: Globo Filmes, 2011.

O PREDESTINADO. Direção de Spierig, M; Spierig, P. Austrália: Screen Australia, 2014.

OS DOZE MACACOS. Direção de Terry Gilliam. EUA: Universal Pictures, 1995.

PALM SPRINGS. Direção de Max Barbakow. EUA: Limelight Productions, 2020.

PENAFRIA, Manuela. Análise de filmes – conceitos e metodologia(s). In: VI Congresso da Sopcom, 2009. Lisboa. **Anais eletrônicos**. Lisboa: Sopcom, 2009. Disponível em: <https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2025.

QUESTÃO DE TEMPO. Direção de Richard Curtis. Reino Unido: Working Title Films, Relativity Media, 2013.

REA, Silvana. A utopia e seus destinos. **Revista de Psicanálise da SPPA**, Porto Alegre, v. 28, n. 3, p. 585–599, 2021. Disponível em: <https://revista.sppa.org.br/RPdaSPPA/article/view/rea> . Acesso em: 30 maio 2025.

SPRENKELS, Floortje. “Face your future, fight your past”: studying the time travel narrative as a genre and as desire. **Utrecht University**, Utrecht, 2013.

STOCK, Kathleen. Fantasy, Imagination, and Film. **British Journal of Aesthetics**, Oxford, v. 49, n. 4, p. 357- 369, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/aesthj/ayp030>. Acesso em: 20 mar. 2025.

TRAKAS, Marina. Journeying to the past: time travel and mental time travel, how far apart? **Frontiers in Psychology**, Lausanne, v. 14, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2023.1260458>. Acesso em: 30 jun. 2025.

TULVING, Endel. Episodic memory: from mind to brain. **Annual Review of Psychology**, Palo Alto, v. 53, p. 1–25, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.53.100901.135114>. Acesso em: 20 mar. 2025.

TWAIN, Mark. **Um ianque na corte do rei Arthur**. São Paulo: Editora Globo, 2005. (publicado originalmente em 1889).

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Campinas: Papyrus Editora, 1994.

VARGAS, Antonio. Nostalgia e morte: a estratégia romântica para viver. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 51, n. 3, p. 169–176, 2017. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0486-641X2017000300011&script=sci_arttext. Acesso em: 17 jun. 2025.

VINGADORES: ULTIMATO. Direção de Anthony e Joe Russo. EUA: Marvel Studios, 2019.